

# S.O.S. Amazônia

AUGUSTO MARZAGÃO\*

Tenho observado com um enorme pesar que, com o decorrer dos anos, a devastação da Amazônia e outras terríveis agressões ao meio-ambiente já não despertam, na opinião pública brasileira, a mesma indignação que causavam há 10, 15 anos.

Teria o assunto envelhecido ou saído de moda? Outras questões mais relevantes estariam esgotando a capacidade de indignar-se dos brasileiros? Seria a nossa indignação seletiva, escolhendo alvos que mais convenham ao nosso interesse imediato?

Uma civilização que se constitui sobre o pedestal do egoísmo e do imediatismo acaba por se habituar a indignar-se apenas com fatos que perturbem a boa digestão dos seus indivíduos (índio queimado, por exemplo) ou que representem ameaça iminente ao bem-estar pessoal, a privilégios, vantagens, conforto familiar (desemprego, queda na bolsa, preço da escola, seguro-saúde...).

O desmatamento da Amazônia inquietava as pessoas enquanto elas acreditavam que a grande floresta tropical era o pulmão do mundo. Ora, como nem a Amazônia ainda acabou, apesar da depredação constante que sofre, nem, muito menos, o oxigênio ficou rarefeito, e mesmo todo mundo continuou respirando normalmente, a questão da Amazônia parou de inquietar, pelo menos na mesma proporção do passado!

Há tempos publiquei artigo chamando a atenção para a relação direta de causa e efeito entre o desmatamento de grandes áreas florestas e o surgimento do vírus ébola. Segundo os especialistas, o desequilíbrio ambiental vem expulsando o vírus de seu habitat natural, levando-o a modificar-se e a adaptar-se ao meio humano.

Doenças tropicais, a volta do El Niño, mudanças climáticas radicais, degelo das calotas polares e tantos outros fenômenos reativos da biosfera infelizmente não são associados, na consciência coletiva, às inúmeras e constantes agressões promovidas pelo homem contra o planeta.

Nos espaços que generosamente me abrem os importantes jornais, tenho com insistência trazido à discussão esse tema, sofrendo muitas vezes críticas dos

porta-vozes de grupos empresariais ligados à exploração de madeiras nobres. Eles alegam que o fim do abate de árvores geraria crise de desemprego no setor. Ora, o que são algumas centenas de empregos – em uma atividade hoje altamente mecanizada – comparados aos prejuízos incalculáveis causados ao equilíbrio ecológico, sem falar na destruição de milhares de espécies animais e vegetais que vivem ao abrigo da floresta?

As madeiras asiáticas, hoje instaladas no Brasil, por onde estiveram promoveram crimes abomináveis contra exuberantes florestas tropicais, deixando nelas seu rastro de morte e destruição.

Cabe ao Governo Federal agir rápida e rigorosamente, e sem condescendência, no sentido de impedir que se consume a morte desse grande manancial de vida, patrimônio, não só da humanidade, mas do próprio planeta, considerado um ser vivo, como propõe a hipótese Gaia (deusa da mitologia grega que simboliza a Terra), defendida por James Lovelock no livro *The new look of life* e pelo mais moderno pensamento ambientalista.

De fato, pensar o nosso planeta como um organismo vivo, dotado de mecanismos de auto-regulação, pareceria, em passado não muito distante, um completo delírio, fora do alcance e do interesse de qualquer inter-pelação científica.

No entanto, o respaldo de luminares como Gregory Baterson e William Irwin Thompson, entre outros, sem falar na crescente difusão internacional dessa tese, dão à hipótese Gaia uma respeitabilidade à qual em breve não serão mais refratários os governos da maioria das nações ditas civilizadas.

Lovelock defende, além de outros postulados, o de que a Terra, “longe de ter sido feita como é, para que pudesse ser habitada, tornou-se o que é por meio do processo de sua habitação. Em resumo, a vida tem sido o meio, não a finalidade do desenvolvimento da Terra”.

Nesse sentido, o ar, por exemplo, não constitui apenas um meio ambiente para a vida, mas também uma parte da própria vida. A Terra seria, pois, bem mais do que uma grande massa de água e rochas, onde a vida, em função da combinação aleatória de elementos germinativos, teria aparecido, mas uma entidade abrangendo todo o planeta, dotada de poderosa capacidade de regular o seu cli-

ma e a sua composição química. Gaia assume o nome do sistema responsável pela manutenção do equilíbrio do planeta.

A vida na Terra – ou o sistema Gaia – depois de instalada, já suportou incontáveis impactos quase extermi-natórios de pequenos planetas ou outros corpos celestes que a cada 100 milhões de anos promovem uma devastação equivalente à provocada pelo lançamento de dezenas de bombas atômicas por quilômetro quadrado.

Admite-se que há 65 milhões de anos um impacto dessa magnitude tenha causado a extinção de cerca de 60% de todas as espécies então ativas e estimulado, ao mesmo tempo, o surgimento de outras formas de vida.

Consideram portanto esses estudiosos que a vida na Terra – ou Gaia – nada tem de frágil, como pretendem certos círculos ambientalistas, em razão de sua fantástica capacidade de adaptação, pois no mesmo momento em que inviabiliza determinadas espécies, como os dinossauros, enseja o aparecimento de sucedâneas, como os homens.

Significa dizer que a vida no planeta continuará, com o gênero humano, caso respeite a homeostase da presente era, ou sem ele, na opção de insistirmos em levar adiante a faina suicida de romper os equilíbrios atuais, precipitando um realinhamento de fatores climáticos que suprima grande parte das espécies existentes e promova o advento de uma nova gama de seres vivos, mais adaptados aos tempos de Aquarius.

O recrudescimento da malária e o vírus ébola, entre outros males contemporâneos, inscrevem-se no mesmo registro de outras catástrofes ecológicas, como o buraco da camada de ozônio e o aquecimento da temperatura do planeta, enquanto processos disparados na origem pelo homem, mas que podem, a um prazo não muito longo, comprometer as condições que determinaram seu surgimento e evolução.

Se o ser humano conspira contra o próprio útero terrestre, enquanto a vida como um todo permanece ao seu redor, terá um dia talvez de conformar-se com o seu destino de passagem, de ator acidental no cenário mutante, mas eterno, dentro do qual se movimenta sem saber sequer em que direção.

JB  
8/10/97  
9